

REIS, Caio Moraes. Relógio de parede: uma memória. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 53, p. 203-208, agosto de 2019 ISSN 1676 8965.

DOSSIÊ

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Relógio de parede: uma memória

Wall clock: one memory

Caio Moraes Reis

Resumo: Neste ensaio poético *Relógio de parede: uma memória* o autor busca desconstruir o formato convencional de ensaio acadêmico, e a partir de sua trajetória pessoal abordar a relação entre morte e memória. De modo poético, descreve a relação entre o tempo e os afetos geridos pela morte, fenômeno não apenas biológico, mas também sociocultural, portanto, também poético, místico e mítico. **Palavras chave:** memória, morte, afeto, temporalidade

Abstract: In this poetic essay *Wall Clock: a memory* the author seeks to deconstruct the conventional format of academic essay, and from his personal trajectory approach the relationship between death and memory. Poetically, it describes the relationship between time and the affections managed by death, a phenomenon not only biological but also sociocultural, and therefore also poetic, mystical and mythical. **Keywords:** memory, death, affection, temporality

*Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles não
[vivem senão em nós
e por isso vivem tão pouco; tão intervalado; tão débil.
Fora de nós é que talvez deixaram de viver, para o que se chama
[tempo.
E essa eternidade negativa não nos desola.
Pouco e mal que eles vivam, dentro de nós, é vida não obstante.
E já não enfrentamos a morte, de sempre trazê-la conosco.*

*Mas, como estão longe, ao mesmo tempo que nossos atuais
[habitantes
e nossos hóspedes e nossos tecidos e a circulação nossa!
A mais tênue forma exterior nos atinge.
O próximo existe. O pássaro existe.
E eles também existem, mas que oblíquos! e mesmo sorrindo,
[que disfarçados...*

*Há que renunciar a toda procura.
Não os encontraríamos, ao encontrá-los.
Ter e não ter em nós um vaso sagrado,
um depósito, uma presença contínua,
esta é nossa condição, enquanto,
sem condição, transitamos
e julgamos amar
e calamo-nos.*

*Ou talvez existamos somente neles, que são omissos, e nossa
[existência,
apenas uma forma impura de silêncio, que preferiram.*

Carlos Drummond de Andrade, "Convívio". In: *Claro enigma*.

É de uma forma impura de silêncio que pretendo tratar: uma memória. Relógio de parede. Que era esse objeto de meu avô? Um duplo transubstanciado. Memória

pulsante. Em reflexão tímida, pessoal, interrogo a mudança: de objeto a corpo, a homem, a amor. Mais que um estudo, faço destas linhas aquele abraço, um abraço que se foi. Um tempo que parou nos ponteiros do coração.

Este ensaio foi escrito sem os pudores do rigor acadêmico, mas não os ignora em absoluto. Longe da intenção de alcançar uma explicação válida, quero apenas refletir sobre o que foi aquele relógio e o que é meu avô para mim, aliando razão e emoção. Recuso esquecimento – aceitação ou negligência de uma ausência. Aponto o vazio e enfrento-o; logo, memoro.

Adoto o relógio de parede como referencial empírico de um objeto muito mais amplo: memória. Busco, melhor dizer, um olhar sobre a memória, sobre uma memória, a memória de meu avô na mediação de seu relógio de parede. Por que não outros objetos que ainda guardo comigo? Uma máquina de escrever, um chaveiro, um retrato. Nenhum faz justiça à memória ainda algo viva como o relógio. Se memorar é, num único e mesmo ato, reproduzir e produzir uma ausência, presentificando-a à luz do que somos e do que queremos ser a partir dessa memória, se memória é presentificação do ausente, concomitantemente temporal e espacial, corpóreo e abstrato, reconhecimento e agência sobre uma ausência; não há objeto mais memorial que esse relógio de parede.

O relógio de parede e os outros objetos

Máquina de escrever. Meu avô sempre quis escrever uma autobiografia. Eternizar suas memórias. Quando a cegueira o acometeu e se mostrou definitiva, sugeri-lhe assumir a tarefa sob suas palavras. Isso nunca aconteceu. No entanto, o interesse expresso em redigir uma vida em sua máquina de escrever rendeu-me como presente: herança ainda em vida. Apossei-me dela, porém, só após o falecimento do dono. Nunca me pareceu adequado fazer diferente. Ainda aguardando o necessário restauro, imprimo sobre o objeto a busca pelos traços vivos de meu avô. Não encontro senão o trabalho que amava, a dedicação que se deitava sobre as peças jurídicas escritas atenciosamente, por detrás de grandes óculos marrons. É uma parte de meu avô, do que era, do que sempre será para mim. Não o é, contudo.

Chaveiro. Anos depois, no dia 4 de novembro de 2010, fui comemorar meus 16 anos num almoço singelo com meus avós. Após a refeição, tendo já observado amorosamente os seus gestos lentos e erráticos, procurando a comida na tigela com a colher, saboreando o suco, tomando o remédio corriqueiro, fui surpreendido: chamou-me, levando a mão ao bolso do roupão, que sempre vestia. Trouxe um chaveiro de couro, com dois aros metálicos e um gancho, no qual estava gravado o nome “Paulo”. O chaveiro fora de um de seus tios, que também fora seu professor. Do tio ao sobrinho. Agora, do avô ao neto. *Para você guardar a sua chave do céu!* E eis que carrego o chaveiro, desde então, junto a mim. O presente mais bonito que já recebi: uma chave celestial. Foi o último aniversário que passei ao lado dele.

Fotografia. Desse homem de tamanha magnanimidade, tenho em minha mesa um retrato. Ele trabalha na máquina de escrever, olha para um conjunto de folhas de papel, concentrado, na mesada cozinha. Encontrei a foto em sua casa, após sua morte. Tomei-a tão logo a vi, e ao comemorar 22 anos, dei-me de presente um porta-retratos onde a mantenho sempre por perto do meu próprio trabalho.

Esses três objetos, que carregam em si lembranças muito especiais, não se equiparam, porém, ao relógio de parede. Em minha vida, cada qual nasceu numa irrupção, num desses gestos que nos marcam a fogo e reorientam nossas vidas. O relógio de parede é diferente. Trata-se de objeto mais curioso. Regula o tempo da família: canta a educação dos filhos ao ditar a hora do dever de casa, os hábitos alimentares ao anunciar o jantar, o repouso necessário na hora de dormir. Ecoa o zelo de

quem ama e cuida. Atravessa os cômodos em sinfonia, sem timidez ou reserva. Expande-se nos ritmos corporais, reverbera no sangue, nos remédios, nas festas, no trabalho. Do canto da sala de estar, a meio caminho da cozinha, mais passagem que permanência, faz-se ver e, sobretudo, ouvir. É mais percepção que companhia. É um modo de ser sempre em reiteração. Não é como o chaveiro, que guarda a família no bolso do pai, transmitido ao neto para lhe carregar a “chave do céu”, tímido acompanhante. Diferente da máquina de escrever, que é só trabalho e dedicação, que é presente dado em vida para durar depois da morte, o relógio de parede é a própria vida após a morte, até ser uma segunda morte, quando para e ninguém mais sabe lhe dar corda. É mais que trabalho e dedicação, pois é devoção ao que se acredita e ao que se quer. Tempo para mim, tempo para ti, tempo para nós, tempo para todos. Muito mais vivo que qualquer fotografia, é madeira morta que encarna vida. Eis por que, dos objetos residuais, o relógio difere em substância.

Tempos atravessados

A infância. Durante minha infância, meu tempo foi atravessado por aquele relógio. Após as aulas matutinas no colégio do bairro, aguardava o fim do expediente de minha mãe na companhia de meus avós. Seus corpos cansados impeliavam-nos ao sono e à serenidade, ao passo que o jovem neto resguardava suas energias à imaginação e aos poucos diálogos que tanto me enriqueceram. Quando o fim de tarde se anunciava, com os raios solares meio amarelados, meio alaranjados adentrando a sala, fixava-lhes o olhar, entrevedo as partículas de poeira. Ao fundo, o silêncio sepulcral era violado pelo canto do relógio. O relógio fazia-se ouvir em toda a casa a cada quarto de hora. No primeiro e no terceiro quartos, dois tempos. A cada metade de hora, três tempos. Concluído o ciclo, quatro tempos, e tantas badaladas quantas fossem as horas no mostrador. Melodia ainda reproduzível em minha mente com espantosa similitude. Ao fim das badaladas, ainda mirando o quase imperceptível movimento dos raios solares, ouvia o pêndulo bailar por entre o tempo hermético, ritmando meu coração e minha respiração. Tornava-me parte da casa, uma de suas entranhas. Mais que sentir o frio dos cômodos, era-o. E bastava a voz rouca então septuagenária chamar, contar uma história, rir-se de uma piada inocente, e todo hermetismo tinha fim. Ganhava vida, enfim. Tornávamo-nos uma forma de amor.

A debilidade. Esses episódios tiveram sua existência ao longo de alguns anos, durante os quais convivi diariamente com meu avô. De todos os detalhes do dia a dia, sua crescente debilidade é o que de mais marcante e relevante há. Seus movimentos eram cada vez mais trêmulos, devido à fraqueza física. A cegueira e o câncer de pele davam-lhe aspecto cadavérico nos últimos anos de vida. A voz fraquejava com alguma frequência. Os pés arrastavam-se no chão. Ao transitar rumo à cozinha, não era incomum o corpo magro se deter frente ao relógio e, tateando, proceder ao ritual: meu avô abria a caixa de madeira, encontrava a chave, encaixava-a no mostrador e torcia-a sob barulho metálico, dando corda no velho relógio. Guardava a chave, fechava a caixa cuidadosamente, e prosseguia para ouvir algum programa no rádio. Ambos pareciam ranger cada vez mais alto, cada vez mais cansados em suas sobrevidas.

O mito. Essa conexão entre homem e máquina não seria tão espantosa, não fosse uma das histórias de meu avô. Um conhecido seu tinha um relógio de parede, semelhante ao que nos testemunhava. Cuidava-lhe com muita dedicação, mantinha-o impecável. Um dia, porém, o homem morreu, e, poucas semanas depois, o relógio também parou de funcionar. O tempo cessara para ambos, numa simbiose transcendente. Por alguma razão, essa história nunca me fugiu à memória. Talvez estivesse aguardando uma comprovação empírica, que não tardaria.

A morte. Em 22 de abril de 2013, adentrei a casa de meu avô com esperança. Encontrei-o deitado na sala, sobre a cama que minha mãe e eu transferíamos para o andar de baixo. Estava com a boca aberta, a cabeça levemente voltada para o lado. Vestia seu pijama e o curativo usual na cabeça. Chamei-o. Na ausência de resposta, rasguei-lhe o pijama e procurei seus batimentos cardíacos. Verifiquei a pulsação pelo pescoço, e dei-lhe alguns tapas no rosto. Poucos minutos depois, após os bombeiros prestarem os primeiros socorros, fui o primeiro a receber a notícia do óbito. Ainda carregando no corpo a definição sensorial de *impotência*: o coração comprimido num grito mudo; os movimentos rápidos e precisos do corpo, como se soubesse o que estava fazendo; os conhecimentos que pululavam na tola esperança de operar um milagre (contradições de um coração sem fê). Eu não o fizera acordar, nem poderia, tamanha fosse minha vontade, como qualquer outra jamais foi. Toda a família mobilizou-se e os preparativos para o enterro transcorreram dentro da normalidade. O luto anunciava-se eterno, e tem sido. Semanas depois, voltei à casa de meu avô pela primeira vez, revendo cada movimento de todos os corpos ali envolvidos na vã tentativa de ressuscitá-lo. Nada mais. O ambiente estava vazio de vida. Sensação esquisita. Melhor explicação veio quando, ao olhar para o corredor entre a sala e a cozinha, o relógio acusou-se parado. Minha avó deu-lhe corda, ele voltou a trabalhar. Pouco tempo depois, um de seus ponteiros perdeu a sustentação. Mais uns poucos dias, e nenhum esforço o fazia trabalhar. O mito da morte do relógio concretizara-se. Eu tinha minha comprovação empírica e minha dor.

O mistério da transubstanciação

Essas lembranças servem-me aqui de ponto de partida. A partir delas, pretendo refletir sobre esse relógio, sobre o que lhe é particular. Se difere em substância dos outros objetos, qual é a razão? O que ficou do e no relógio após a morte de meu avô e após a morte do próprio relógio?

A máquina de escrever de meu avô acompanhou-o por boa parte de sua trajetória profissional. O chaveiro foi marco inigualável e inalienável de nosso amor. A fotografia é o acesso mais curto aos seus traços amorosos e ainda sadios, ao olhar que tanto acalentava, ao abraço com que sonhei (e que senti) tantas vezes desde então. Não obstante, é no relógio que meu avô imprimiu sua vida. Foi com ele que compartilhou sua debilidade, sua esperança e sua morte. Transubstanciação contínua ao longo dos anos. A madeira parecia absorver da pele fina dos dedos um traço fraco de vida, alojando em si as areias do tempo que já se esgotavam. O coração de um cessou o pêndulo do outro. Que se lhe dessem corda à vontade! A verdadeira chave perdera-se para sempre. Um segredo único, que não comportava cópias. A madeira fria e empoeirada do relógio tornou-se o corpo putrefeito do dono. Era um pedaço de si e do outro, que o alimentara com vida e, depois, deixara morrer de fome. Era meu avô por ser sua relíquia indicial, uma prova morta de sua vida e de seu amor. Um coração pendular que parou e estancou-se na parede.

O olhar tudo pode mudar. Da madeira, emergiam cada palavra envolta na voz rouca e suave, cada abraço caloroso de encontro, cada lição sobre a vida regada a uma emoção contida. Lançava ao relógio meu olhar, e ele devolvia-me uma vida linda de um homem que se acabara. Com isso, recriava-o em mim, inscrevia-o no meu peito, marcava-o em meu ser. Não mais cantava o relógio. Exalava qualquer coisa que não se nomeia. O relógio parou de bater. Mais que velar o dono, juntou-se a ele. Ainda assim, tornara-se um pouco seu dono, encarnara-o no silêncio a que se resumia, como num respeito absoluto pelo novo estado permanente do mundo. O relógio tinha, sim, outra substância em relação aos demais objetos. Os demais se perpetuaram como estavam. O

relógio perpetuou-se na mudança. Morreu para iniciar uma nova vida, consubstanciada. Fez o que, de fato, eu quis e não pude.

Ao olhar o relógio inerte na parede, mas ainda presente, atuante em meus sentidos, não havia como não pensar no corpo inerte sob a terra, mas ainda presente e atuante em meus sentidos. A pele fina e fria envolvendo meu corpo num abraço aconchegante, o ruído dos passos e do assobio pela casa, a dança pendular dos movimentos trêmulos, alternada com o estatismo do descanso na poltrona, o aroma de um tempo se esvaindo a cada despedida, o sabor das palavras de amor que, se raras, ao menos existentes e verdadeiras. Como e com o relógio, meu avô fazia-se em sua casa, mesmo com todas as mudanças por que passou aquele ambiente. Os móveis, a cor das paredes. As rotinas, as presenças, os corpos. Todos se transformaram. O relógio era a continuidade, era a permanência. Investia de memórias doces um presente, que, mesmo livre da dor da despedida, ainda estava (e sempre estará) permeado pelo luto.

Concluir sem findar...

O que me resta concluir? Objetos pessoais podem transformar-se em mediação para uma relação *post-mortem*. Talvez possamos definir a tentativa de manter alguma continuidade em nossos vínculos com os mortos como algo genuína e universalmente humano. Os meios multiplicam-se, e cada qual possui uma beleza muito particular. Aqui, ative-me a um objeto pessoal bastante específico, mas que certamente poderia encontrar pares variados em outras histórias. Um relógio de pulso, um livro, um sapato, uma poltrona. Todavia, o que mais definia meu avô era seu relógio de parede. Não apenas pelo cuidado que lhe destinava, não só pela cumplicidade na doença e na morte; mas também, e especialmente, pelo impacto na vida da família. Meu avô foi o nosso cerne, o nosso referencial moral e afetivo, o nosso elo. O relógio impunha-se corporalmente, disciplinava, fazia par ao amor do dono, era testemunha de todos os momentos, fossem bons, fossem ruins. Acompanhou o crescimento dos filhos, chorou a alegria de um novo anúncio de gravidez, viu as gargalhadas dos bebês e a emoção de um avô que venceu momentaneamente a cegueira e viu o rosto da netinha mais nova pela primeira vez. Do pouco que se possa fazer emergir desses relatos, maior contribuição poderá residir no material aqui ofertado.

Encerro, enfim, essa reflexão com um convite a uma experiência sensorial: volto ao relógio de parede na sala de meu avô. Fecho os olhos e ouço sua laboriosa atividade. Meu corpo permanece imóvel, mas algo em mim dança junto ao pêndulo ritmado. De súbito, ouço também o atrito dos chinelos de meu avô nos tacos velhos da mesma sala, rumando ao piso frio da cozinha. Seu andar errático, pouco cambaleante, bastante sereno. Ele segue de costas para mim, afastando-se amorosamente. Para trás, deixa o neto absorvido no sepulcro do tempo, no pesar extático das horas sólidas, perenes. Movimento nenhum há. Só a presença, brotando de cada poro de uma memória ainda, sempre e cada vez mais viva.



Foto 1: Com vô Pedro

(Maria Thereza da Silva Moraes, 2000, Arquivo pessoal)

Nesta foto, celebramos o natal de 2000, momento em que minha convivência com meu avô começou a se intensificar. Minha vida começava a ser irreversivelmente tocada.



Foto 2: Relógio de parede

(Maria Thereza da Silva Moraes, 2015, Arquivo pessoal)

A única foto.